

# ÁGUAS CLARAS PARA O PINHEIROS

texto | LUIS CORVINI FILHO E ANDRÉ MONTEIRO

*Mais lembrado como Marginal do que como rio, o Pinheiros pode deixar de ser canal de efluentes com a ajuda de paulistanos que se mobilizam para salvar o que resta da antiga “praia”*

# P

ara milhares de moradores da cidade de São Paulo,

acordar e se preparar

para o trabalho é o início de um dia penoso e estressante. Logo cedo, são engolidos pelo congestionamento e pela fetidez das marginais Tietê e Pinheiros. Algo nada “saboroso” depois do café ou em qualquer momento do dia. O tempo perdido dentro dos veículos e o risco de “boiar” pela capital paulista, a qualquer hora, após uma enchente, são apenas dois dos muitos problemas trazidos pela intensa urbanização que sufocou também, há mais de 80 anos, o rio menos famoso e, por isso, mais esquecido: o Pinheiros.

Nascido originalmente do encontro das águas do rios Grande e Guarapiranga, na Zona Sul, o rio Pinheiros cortava a Capital rumo ao interior do Estado. Mas o processo que levou a antiga Vila de Piratininga a ser uma das maiores cidades do mundo foi implacável com o rio. Na década de 1930, o Pinheiros teve seu fluxo invertido para abastecer a represa Billings, recém-construída para fornecer água para parte da Região Metropolitana e movimentar a usina Henry Borden, em Cubatão. Neste processo, não sobrou nem o traçado original do rio, já que um projeto de retificação transformou o

Pinheiros em um grande canal sem curvas (veja nas págs. 60 e 61).

Hoje, apenas no trecho em que cruza a metrópole, o Pinheiros recebe diariamente efluentes de quase 300 indústrias e dejetos de 400 mil famílias. Todo esse material é despejado também em afluentes do rio, como o córrego Pirajussara. De acordo com a Sabesp – a companhia de saneamento do estado de São Paulo –, a bacia do Pinheiros gera 17,3 milhões de metros cúbicos de esgoto por mês, dos quais 3 milhões não são tratados. Para se ter ideia do volume, vale uma comparação simples: todos os meses, cerca de 1.200 piscinas olímpicas de esgoto ficam no rio.

O Pinheiros é praticamente um canal de esgoto. Só 20% do que corre (ou se arrasta?) no leito é água limpa. Ou seja, sem a carga de poluição, seria só um córrego. A morte do rio não é apenas figura de linguagem. Medições dos níveis de oxigênio da água, feitas pelo Projeto Flutuador, da TV Globo, apontam que os níveis estão próximos de zero em diversos pontos.

O contraste entre o lixo e o luxo é evidente. O Pinheiros corta uma das áreas de maior valor por metro quadrado da Capital. Inspirados nos exemplos de recuperação do Tâmsa, em Londres, e do Sena, em Paris,

empresários, ambientalistas e estudantes querem “ressuscitar” o rio paulistano. Empresas instaladas ou com escritórios às margens do rio se uniram na Associação Águas Claras do Rio Pinheiros, criada em 2009 com o objetivo de contribuir para a despoluição e a reconciliação com a cidade de São Paulo.

A associação mantém o Projeto Rio Pinheiros Vivo, que promove expedições até a nascente do rio como forma de conscientizar os participantes a se engajarem nos esforços para salvá-lo. Embarcamos numa dessas expedições. Nosso destino, a pequena vila de Paranapiacaba, um distrito do município

de Santo André, incrustado na Serra do Mar, a 70 quilômetros da Capital.

Com o trânsito mais tranquilo na Marginal Pinheiros, no domingo de manhã, depois de uma hora de viagem chegamos ao pequeno vilarejo, de pouco mais de 1.200 habitantes. No passado, Paranapiacaba foi residência de funcionários da companhia inglesa de trens São Paulo Railway. A tradição deixada pelos antigos moradores pode ser vista em diversos pontos do distrito, como no pátio de trens e também nas casas, de estilo britânico.

Curiosamente, o distrito teve o primeiro campo de futebol do Brasil com medidas

oficiais, construído pelos ingleses. E foi no campo oficial que o time amador ganhou dos visitantes da Capital, o Corinthians, na década de 1920. Os moradores contam que o nevoeiro confundiu os jogadores do Timão.

O caminho até a nascente é um mergulho na natureza. No vilarejo, a jornada começa no Parque Natural Nascentes de Paranapiacaba. Dali, caminhamos mais dois quilômetros por uma estradinha até a entrada da trilha. O monitor ambiental informa: “Daqui, são mais cinco quilômetros mata adentro”. Haja fôlego!

A trilha fechada é um desafio que

## **Na Serra do Mar, o Pinheiros é um riacho de água cristalina. Na cidade, um canal fétido com 80% de esgoto**

todos têm que enfrentar. Escorregões e quedas nas pedras cobertas de limo são inevitáveis. Tudo pelo privilégio da recompensa: observar a beleza de uma Mata Atlântica praticamente intocada. Pequenos córregos de água cristalina, plantas e insetos abundantes... Quanta diferença em relação ao que se vê na Capital!

Duas horas de caminhada depois, a tão esperada chegada à nascente. Mas quem imagina encontrar uma grande

fonte, jorrando água para todos os lados, fica surpreso com tamanha “humildade”. Com apenas um fiapo de água brotando da montanha, a tímida nascente leva os aventureiros a se questionarem como uma pequena lâmina d’água é capaz de formar um rio do porte do Pinheiros.

O questionamento maior, porém, é outro. Inundados pela natureza, é impossível não perguntar como os paulistanos conseguiram deixar um rio tão bonito se tornar apenas um mais que indesejado vizinho. Para os organizadores da expedição, provocar essa inquietação é o objetivo primeiro. A viagem rumo à nascente do Pinheiros foi apenas uma das 30 que ocorreram simultaneamente, organizadas pela Associação Águas Claras do Rio Pinheiros. Em apenas um dia, cerca de 700 pessoas se mobilizaram para visitar locais como as usinas Henry

Borden, Pedreira e Traição, passear pelas linhas férreas às margens do Pinheiros, descobrir córregos escondidos na cidade, observar o patrimônio histórico presente ao longo do rio e também se aventurar pelos terraços dos prédios da marginal. Elas foram convidadas também a registrar a aventura em fotos, vídeos e relatos (*confira em <http://tinyurl.com/pinheirosvivo>*).

As atividades foram o primeiro grande investimento da entidade em um de seus dois eixos de atuação: promover a reintegração do rio à sociedade paulistana. A ideia é que quanto mais se pensar no rio e interagir com ele, mais presente o Pinheiros estará na vida dos cidadãos, que vão acabar cobrando soluções mais rapidamente. O outro objetivo da associação é fomentar estudos técnicos para acelerar a despoluição do rio.

Para Cândido Malta, ex-secretário

municipal de Planejamento (1976-1981), a reintegração do Pinheiros com São Paulo só irá ocorrer efetivamente após sua completa descontaminação. Segundo Malta, hoje só “heróis” se aventuram pelas ciclovias que beiram o rio. “É impossível criar locais de convivência para a população enquanto o rio estiver essa vergonha que está.” O urbanista acredita que a reintegração será realidade algum dia, graças à lei que prevê universalizar a coleta e o tratamento de esgoto em São Paulo até 2018. A meta consta da lei paulistana que garantiu à Sabesp o monopólio dos serviços de abastecimento e saneamento por 30 anos. Atualmente, um dos principais projetos em andamento para tentar despoluir o Pinheiros é o sistema de flotação, processo físico-químico que facilita a retirada das partículas sólidas do rio. Os programas de despoluição preveem a ocupação do

## **Para o paulistano voltar a conviver com o Pinheiros, primeiro é preciso implantar os projetos de despoluição**

entorno, como o Projeto Pomar.

Quem participou da expedição e conheceu o rio cristalino, saiu otimista com o futuro. A economista Andrea Karady, uma das participantes, conta que vê o rio diariamente da janela de seu escritório e não acredita como o Pinheiros chegou a esse ponto. “Se todos cuidarem, ele pode voltar a ser esse rio lindo que vimos aqui.”

Para o coordenador da excursão, o fotógrafo de natureza Maurício Simonetti, a viagem serve para mostrar o que pode ser feito para mudar a realidade do Pinheiros. “Grandes tarefas começam com pequenos passos, e esse passo que demos hoje é, sim, uma contribuição efetiva para a limpeza do rio.”

# A praia dos paulistanos

É difícil imaginar que no início do Século XX as famílias encontravam nas águas e nas margens do Pinheiros um lugar para passar a tarde. O rio era a “praia” do paulistano. Até o nome do rio, originalmente, era outro: Jeribatuba, em tupi-guarani “muitos jerivás”, palmeira abundante nas margens. O nome atual veio com o aldeamento indígena que os jesuítas organizaram perto de uma grande plantação de araucárias no Século XVI.

Mas o rio não era apenas diversão: grandes nomes dos esportes aquáticos deram suas primeiras braçadas nele. Nos anos 1930, começou a ganhar destaque o Clube Pinheiros – com o nome inicial Germânia –, cujo parque esportivo foi instalado às margens do rio. Associados usavam o leito como raia de natação, remo e até como piscina para saltos ornamentais.

A cidade apoiava provas como a Travessia de São Paulo a Nado. Criada em 1924, a competição de 5,5 quilômetros foi realizada durante duas décadas, até que o nível de insalubridade do rio Tietê impediu sua continuidade. O ex-presidente da Fifa, João Havelange, um dos destaques da Travessia, contraiu tifo após vencer uma das últimas provas.

Outra atividade muito comum no Pinheiros era a pesca. O anzol nunca voltava sem bagres, mandis, tabaranas, araçás ou lambaris.